



O cabelo e o pertencimento étnico-racial negro em *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira

Hair and Black Ethnic-racial Belonging in O mundo no black power de Tayó, by Kiusam de Oliveira

Débora Lopes dos Santos

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí/ Brasil
deboraldossantos@aluno.uespi.br

<https://orcid.org/0009-0007-5153-6007>

Élio Ferreira de Souza

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí/ Brasil
elioferreira@cchl.uespi.br

<http://orcid.org/0000-0002-7280-4273>

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a construção da identidade negra a partir da análise da obra *O mundo no black power de Tayó* da escritora brasileira Kiusam de Oliveira. Como aporte teórico recorreu-se às discussões acerca do racismo e da identidade negra. Os autores utilizados como referência para construção deste artigo foram: Almeida (2020); Cuti (2010); Fanon (2008); Ianni (2004); Kilomba (2019); Oliveira (2013); Ribeiro (2017). O cabelo da mulher negra é um mecanismo de identidade, já que desde a infância os cabelos são uma extensão de sua condição feminina e de reconhecimento como negra. A metodologia básica aplicada para construção deste artigo é caracterizada como análise-crítica qualitativa, tendo como *corpus* de análise *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira. A obra em estudo dialoga acerca da ressignificação do valor da cultura negra no Brasil e, ao enfatizar o penteado, a escritora traz a marca da resistência negra, além de ser uma obra que permite ao leitor refletir sobre igualdade e justiça social, assim como entender os atos de racismo, preconceito e discriminação que acontecem em diferentes esferas da sociedade.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; identidade; cabelo; racismo; O mundo no black power de Tayó.

Abstract: This article aims to discuss the construction of black identity from the analysis of the work *O mundo no black power de Tayó* by the Brazilian writer Kiusam de Oliveira. As a theoretical contribution, discussions about racism and black identity were used. The

authors used as a reference for the construction of this article were: Almeida (2020); Cuti (2010); Fanon (2008); Ianni (2004); Kilomba (2019); Oliveira (2013); Ribeiro (2017). Black women's hair is a mechanism of identity, since childhood hair is an extension of their feminine condition and recognition as black. The basic methodology applied for the construction of this article is characterized as a qualitative critical analysis, having as analysis corpus *O mundo no black power de Tayó*, by Kiusam de Oliveira. The work under study dialogues about the redefinition of the value of black culture in Brazil and by bringing the hairstyle, the writer brings the mark of black resistance. It is in study that allows to reflect on equality and social justice. As well as understanding the acts of racism, prejudice and discrimination that happen in different spheres of society.

Keywords: african Brazilian literature; identity; hair; racism; The world in the black power of Tayó.

1 Introdução

O Brasil é formado por diferentes grupos étnicos e a população negra representa boa parte da população brasileira, porém, nota-se uma predominância institucionalizada dos valores da cultura branca nas instituições do país. O artigo 5º da Constituição Federal sentencia que “[t]odos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]” (Brasil, 1988, p. 15). Contudo, na prática, isso não é constatado, uma vez que o preconceito contra o negro e o racismo estrutural (Almeida, 2020) estão arraigados na sociedade, definindo a posição social, econômica, cultural e política dos indivíduos. Assim, negros e brancos não têm os mesmos espaços e visibilidade, consequência da hierarquização racial no país.

Portanto, as opressões aos negros ainda persistem de diversificadas formas enraizadas na cultura brasileira, e o cabelo da mulher negra, como parte do corpo, sofre toda forma de discriminação devido aos padrões estéticos determinados pela cultura branca. Porém, devido aos diversos movimentos de pertencimento étnico-racial que vêm surgindo nas últimas décadas, muitas mulheres não aceitam mais ter seus cabelos alterados e optam por mantê-los naturais como expressão da identidade e ancestralidade negra e assim, criam seus próprios padrões como a estética negra, por exemplo, resultado de todo um processo histórico, social, cultural, antropológico etc.

Nessa discussão a obra literária *O mundo no black power de Tayó* narra a história de uma menina de seis anos que usa o cabelo no estilo *black power*. O penteado dá vida à obra, pois nele estão as histórias

dos antepassados da protagonista, o pertencimento identitário negro. A personagem se orgulha do seu *black power* e, habitualmente, pede à mãe que o enfeite. Isto é, ela aceita a sua estética negra, reflexos de uma educação pautada na história dos seus antepassados, que contribui para construção da identidade negra. Mas, como recorrente na vida das crianças negras, Tayó é vítima de racismo na escola, e não se deixa abater, tampouco se sente deprimida, ante as desfeitas racistas, mesquinhas ou desaforos dos colegas de classe.

Tayó é uma menina alegre, que ensina através do seu penteado a história, a cultura, a memória, os sons, a identidade dos antepassados negros, isto é, as tradições de matriz africana transmitidas de geração a geração no universo diaspórico, embora essa dispersão tenha iniciado no sequestro seguido da escravização de milhões de africanos e seus descendentes.

Por fim, este artigo tem por objetivo discutir a construção da identidade negra a partir da análise da obra *O mundo no black power de Tayó* de Kiusam de Oliveira, utilizando-se como metodologia básica a análise-crítica qualitativa.

2 Racismo no Brasil: considerações gerais

A estrutura social brasileira é baseada em concepções eurocêntricas acerca da hierarquização racial, impactando as relações sociais no Brasil e em diferentes países das Américas e do mundo, onde ocorreram a escravização de africanos em diáspora, precedido de um movimento que se deu através de sequestros e guerras sangrentas e fratricidas na África, que foram instigadas e arregimentadas pela Europa. Essas práticas racistas que impactam as relações negro/branco são resultado de sucessivas formas de violação dos direitos, exclusão social, econômica, política, cultural, e discriminações, isto é, diversas formas de violência contra a população negra. Nessa discussão Cuti (2010, p. 30) assegura sobre o racismo:

[t]rata-se [de] muito mais que simples atitude individual. O racismo constituiu-se uma atitude coletiva de brancos para perpetuar a dominação sobre os negros. Difícil conseguir desvencilhar-se, sobretudo porque os preconceitos trazem fortes significados de privilégios.

Assim, um dos pontos que colaboram para o racismo é a ideia de que ele não existe, ou seja, sua negação. Sobre isso Cuti (2010, p. 39) discorre, ainda, que “[o] racismo e seus dois grandes ramos, o preconceito e a discriminação, bem como o combate a eles, constituíram no Brasil um saber de grandes dimensões”. Quer dizer, o racismo é uma realidade que permeia todas as camadas da sociedade, não é um fenômeno isolado, periférico e marginal e nem é coisa do passado. No racismo a pessoa torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação e preconceito que cria valores hierárquicos tornando o sujeito branco e europeu ponto de referência; nesse sentido o racismo é a supremacia branca.

No Brasil, o racismo é marcado pela questão do fenótipo, isto é, de acordo com as características físicas de uma pessoa, como, por exemplo, cabelo, traços faciais, cor da pele e formas corporais. De acordo com o Painel de Indicadores do SUS (Brasil, 2016), o racismo pode ser dividido em duas categorias: o racismo interpessoal, e o racismo institucional. O primeiro está relacionado a comportamentos hostis e desrespeitosos e o segundo refere-se ao tratamento que o Estado dispensa às pessoas negras.

Dessa forma, o racismo contra as pessoas negras está associado à construção e à formação sócio-histórica e cultural da sociedade brasileira, pois, desde o início da colonização, o negro foi submetido ao lugar de inferiorização, ausência de fala, e à condição literal de mercadoria. Conforme elenca Fanon (2008, p. 186) “o negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado”, ou seja, mesmo após décadas do fim da escravidão, ainda existem grilhões a serem quebrados.

O que nos leva a conclusão que tentar inferiorizar o negro ainda é uma prática recorrente no Brasil e noutros países do mundo, mas faz-se necessário frisar que existe hoje um movimento de reparação histórica e fortalecimento que busca implantar ações de promoção para diminuição de práticas racistas, e ações de respeito e responsabilização além da criminalização do racismo, isto é, desenvolver o pensamento político e social da população para respeitar as pessoas negras e mudar sua condição moral, social e material. No livro *Pele negra, máscaras brancas*, o martinicano Frantz Fanon (2008, p. 161) assinala que:

[n]as profundezas do inconsciente europeu elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E como todo homem se

eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não-civilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contacto com o mundo negro, com esses povos [aos quais pretendia demonizar, chamando-os] selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal.

A visão negativa do negro, que o branco reforça cotidianamente, é o ponto-chave que fez com que ele tivesse sua personalidade estereotipada e caricaturada, visto que a subalternização do negro se deu dentro da exploração da África e das Américas e se estende até os dias atuais justamente pela posição econômica que os países europeus exercem sobre os ditos terceiro-mundistas, causando cada vez mais atos de racismo e discriminação, pois o branco criou a imagem do negro, como se este fosse naturalmente violento, selvagem e viril; e sua cor fosse associada ao mal, ao pecado e à miséria.

Nessa relação houve um silenciamento sistêmico e um processo de interdição do povo negro, o que não quer dizer que ele foi passivo à escravidão, pois ou o negro se submetia ao regime colonialista ou era exterminado. Então era uma questão de sobrevivência. Nessa discussão, Cuti (2010, p. 25) afirma que “o racismo existe e não podemos negar sua existência nem cruzar os braços diante dele!”. Sua existência está no consciente e no inconsciente das pessoas, de forma explícita e muitas vezes velada. Para Grada Kilomba (2019, p. 130), o racismo “não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes”. Ou seja, as relações raciais e o racismo no Brasil são pontos de discussão em diversos setores como: na universidade, na escola, na mídia, na política, dentre outros, gerando debates acerca da desigualdade que segue separando os negros do espaço de poder. O racismo é discursivo também quando pessoas usam de palavras, gestos, imagens, sons, e expressões verbais e faciais que estereotipam o negro e provocam abuso de poder. O racismo é um fenômeno que acontece constantemente mesmo diante do processo educacional, do crescimento econômico, do desenvolvimento, da expansão dos conhecimentos científicos e tecnológicos. Acerca dessa expansão do racismo, Ianni (2004, p. 22) afirma que,

[m]ais uma vez, no início do século XXI, muitos se dão conta de que *está novamente em curso um vasto processo de racialização do*

mundo. O que ocorreu em outras épocas, a começar pelo ciclo das grandes navegações, descobrimentos, conquistas e colonizações, torna a ocorrer no início do século XXI, quando indivíduos e coletividades, povos e nações, compreendendo nacionalidades, são levados a dar-se conta de que se define, também ou mesmo principalmente, pela etnia, *a metamorfose da etnia em raça, a transfiguração da marca ou traço fenotípico em estigma*.

A população negra, no decurso da construção histórica do Brasil, deixou marcas que estabelecem a identificação étnica com o intuito de mostrar sua luta e força, quer dizer, sua própria história, como um povo que foi e ainda é vítima de toda forma de violência histórica e cultural, mas que resistiu e ainda resiste na cor de sua pele, nos saberes e experiências, na ancestralidade, na sua dança, na sua culinária, na sua religiosidade, na sua música, no seu corpo e no seu cabelo como símbolo de luta, força, beleza e resistência.

3 Força e representatividade do cabelo em *O mundo no black power de Tayó*

O mundo no black power de Tayó traz como protagonista uma menina de seis anos, e seu cabelo crespo, ao estilo *black power*. A narrativa gira em torno da resignificação da identidade negra a partir do cabelo negro, isto é, o penteado da menina dá vida à obra, onde habita um mundo repleto de histórias, uma reconstrução dos aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, valorizando os traços fenótipos e desconstruindo a ideia estereotipada e negativa de que o cabelo do negro é ruim, feio ou fedido.

A personagem principal tem o nome africano Tayó, que significa alegria; é um nome pertencente ao grupo étnico *ioruba*, e é isso que ela representa na narrativa, nos diálogos com a mãe, na sua postura, no seu jeito de ver o mundo e as pessoas, fato perceptível no seguinte fragmento: “quando amanhece, TAYÓ acorda com uma alegria capaz de contagiar a toda a sociedade onde mora. Seu corpo se ilumina” (Oliveira, 2013, p. 29). Na narrativa as belezas da protagonista também são representadas conforme consta no trecho a seguir:

Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca BELEZAS INFINITAS. Seus OLHOS são, tão negros como as mais escuras

e belas noites que do alto miram com ternura qualquer ser vivo. Do fundo desses olhos escuros saem faíscas de um brilho que só as estrelas são capazes de emitir. Seu nariz parece mais uma larga e valiosa PEPITA DE OURO. Grossos e escuros como orobô, seus lábios encantam, só se movendo para dizer PALAVRAS DE AMOR. (Oliveira, 2013, p. 10).

A negritude de Tayó é destacada e valorizada como pedras preciosas, como as belezas da natureza e o sentimento mais genuíno que é o amor, rompendo assim com construções pejorativas e destrutivas ao elencar de maneira positiva a beleza e a estética que afirmam as características do corpo e do cabelo do negro, conforme consta no trecho a seguir:

Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado BLACK POWER. Seu penteado faz o maior sucesso, porque TAYÓ costuma escolher os enfeites mais divertidos (Oliveira, 2013, p. 13).

O cabelo crespo passa a ser um símbolo de orgulho étnico, de reconhecimento histórico e pertencimento cultural e é assim para Tayó, pois ela se orgulha da sua origem, da cor da sua pele e principalmente da estética do seu cabelo, isto é, ela não tem vergonha de assumir, de amar e cultivar a beleza do próprio corpo negro.

O cabelo teve papel importante em diferentes momentos históricos, um dos mais significativos ocorreu na década de 1920, que foi o movimento *black power*. No entanto, é no ano de 1960, nos Estados Unidos, que ele ganha notoriedade na luta pelos direitos civis e sociais da população negra. Nesse cenário, uma série de manifestações antirracistas de caráter reivindicatório é deflagrada pelo movimento negro, extinguindo-se, então, as leis de segregação racial naquele país, apresentando nomes de destaque como: Angela Davis, Malcom X, Panteras Negras e Martin Luther King.

Nessa perspectiva, os negros começaram a se unir e a se conscientizar da opressão colonial e imposições estéticas eurocêntricas. Passaram a usar seus cabelos de modo natural como um símbolo de resistência. Sucedeu-se a valorização da herança ancestral africana. O negro ganhou visibilidade a partir das suas lutas e reivindicações e rompeu com o silêncio que pairava acerca das questões raciais e da igualdade de direitos entre negros e brancos.

Nessa seara, as mulheres são mais atingidas pelos padrões estéticos e dentre essas está a mulher negra, que é mais estigmatizada pela imposição do padrão ocidental e branco de beleza. Esse padrão inclui a mulher negra numa redoma de defeitos atribuídos não só ao cabelo, mas a todo o corpo. Convém ressaltar que existe uma hierarquização dentro do feminismo, pois o movimento feminista hegemônico não contemplava os direitos da mulher negra, somente da mulher branca de classe média, com isso, surgem vários movimentos do ativismo feminista, como o feminismo negro.

Desse modo, o cabelo se torna fonte de racismo, exclusão, violência, inferioridade, além de ter um significado e uma relevância que passam pela exigência de ter que seguir um padrão de cabelo liso, pois isso interfere na subjetividade, aceitação e no reconhecimento identitário da mulher negra.

Nessa discussão, Grada Kilomba (2019, p. 123) destaca que “podemos nos ver ante a cena de um corpo escravizado respondendo a perguntas sobre nossos cabelos em sua estética e higiene ou podemos causar espanto por cheirarmos bem”. Isto é, as mulheres negras precisam a todo momento estar se explicando e ressaltando a sua representatividade por não aceitarem se adequar a um padrão estético de beleza que oprime sua ancestralidade africana no intuito de manter e preservar a sua identidade negra e cultural.

Assim, superar essa barreira é algo que vem de décadas de luta. Há muito tempo o cabelo da mulher negra tem sido objeto de críticas negativas e piadas maldosas. Seja em letras de músicas como: “Nega do cabelo duro/ Que não gosta de pentear”, do cantor baiano Luiz Caldas; em propagandas como a da marca de produtos de limpeza Bombril que lançou uma palha de aço chamada Krespinha e em outra publicação colocou ao lado da palha de aço uma boneca preta e de cabelos crespos, ambas divulgações de teor pejorativo; e em programas de TV como novelas em que raramente a mulher negra aparecia em papel de destaque e com seu cabelo natural, sempre estava liso, causando a essas mulheres vergonha e insegurança de possuir um cabelo hostilizado. No presente, devido a diversos movimentos de pertencimento étnico-racial, já vemos uma maior presença de pessoas negras em papel de destaque em diferentes espaços.

Portanto, a mulher negra cada vez mais tem assumido a sua identidade étnico-racial, incorporando aos penteados do cabelo crespo os significados da negritude e da ancestralidade de matriz africana, recusando

a branquitude imposta pelos valores colonialistas europeus, para afirmar de forma política e consciente sua negrura. Nessa discussão Kilomba (2019, p. 127) enfatiza que

o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres *negras* em relação a “raça”, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo.

Nesse sentido, o cabelo na sua naturalidade tornou-se sinônimo de negritude, momento em que a mulher se propõe a ser um agente perpetuador da identidade negra através do autorreconhecimento do passado histórico e da aceitação do próprio corpo como lugar de fala (Ribeiro, 2017) do sujeito negro subalternizado.

Na narrativa, o penteado de Tayó é ressaltado de modo importante para construção e afirmação da identidade negra e isso aparece na relação mãe e filha, quando Tayó tece diálogos com a mãe acerca da identidade, ancestralidade e racismo. Esses são momentos em que o penteado enfeitado se metamorfoseia em diversas maneiras de tradução da autoestima, aceitação e amor de mãe e filha pelas suas raízes e negrura capilar, conforme consta no trecho seguinte:

Mãe, hoje quero meu BLACK POWER repleto de florzinhas. Mãe, hoje quero meu BLACK POWER repleto de BORBOLETINHAS. Mãe, hoje quero meu BLACK POWER com uma tiarinha de tranças com fios de lã coloridos, arrematada com uma linda flor (OLIVEIRA, 2013, p. 18)

Essa conexão mãe e filha começa cedo e é importante para os ensinamentos, pois durante a infância as tranças, enfeites e adornos que as mães fazem nos cabelos das filhas são técnicas que acompanham a história dos negros desde a África; é o primeiro cuidado que mantém as tradições culturais da população negra, afirmando a identidade e a cultura negra, nas quais o cabelo possui significativa representatividade, é um complexo sistema estético que explicita a existência de um estilo negro. Assim, as crianças crescem e adquirem identidades a partir de experiências vivenciadas

junto à comunidade negra ou grupo étnico-racial para assumirem a origem ancestral, a cor da pele, os lábios, o nariz, o cabelo, o próprio corpo.

Embora Tayó seja uma criança alegre, consciente da sua ancestralidade, e tenha o apoio da família, ela sofre preconceito e racismo na escola a partir de comentários preconceituosos e odiosos que não são somente verbais, mas emocionais e psicológicos. O trecho abaixo exemplifica o racismo sofrido:

Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde:

— MEU CABELO É MUITO BOM porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês tão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso. (Oliveira, 2013, p. 20).

A personagem, no ambiente escolar, lida com as indiferenças, mas não se deixa abater e não admite que chamem seu cabelo de ruim e logo recupera seu humor, alegria, sorriso e reforça a importância de enfrentar a situação de cabeça erguida, com força e coragem, pois não se inferioriza, uma vez que Tayó conhece a história, cultura, riqueza e identidade do povo negro, isto é, a negritude de Tayó já está consolidada.

Nessa discussão convém ressaltar que o espaço escolar é visto como uma instituição formadora, não apenas dos saberes escolares, mas sociais e culturais, dos valores, hábitos, atitudes comportamentais, aspectos cognitivos, e construção da identidade, além de ser o espaço de maior convívio da criança. Porém, ainda precisa se envolver mais com as questões raciais, visto que a instituição escolar impõe padrões tanto de conhecimento como de comportamento e de estética onde encontra-se a exigência de “arrumar o cabelo”, e para a criança circular nesse espaço, precisa manter uma aparência que segue um padrão estabelecido, mascarando o racismo. E mesmo a família negra mantendo todo cuidado e seguindo as regras escolares e sociais, não consegue evitar que a criança negra seja alvo de piadas e apelidos pejorativos com relação ao cabelo do negro com palavras e expressões que inferiorizam e marcam a história de vida dos negros.

Na obra investigada, Kiusam também enaltece a imagem acerca da cultura africana e afro-brasileira, destacando que ambas se sobrepõem aos estereótipos raciais oriundos do regime de escravidão, como os legados econômico, cultural, da culinária, da religiosidade, entre outros saberes e

experiências de origem africana, que fazem parte do cotidiano da população brasileira. No trecho a seguir, Tayó enaltece essa representatividade:

[m]as, quando recupera seu bom humor, é capaz de transformar todas as suas LEMBRANÇAS tristes em pureza e alegria, projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de histórias e todos os saberes, demonstrando que nem correntes, nem grillhões conseguiram aprisionar a ALMA POTENTE DOS SEUS ANTEPASSADOS (Oliveira, 2013, p. 25)

Isso implica na necessidade de propagações de pensamentos e práticas antirracistas através da relação de convivência respeitosa e da administração de representações positivadas acerca da diversidade racial, cultural e ancestral da sociedade brasileira. A propósito dessa construção positiva da representação do sujeito negro, Kilomba (2019, p. 127) afirma que

[o] estilo do cabelo [...] pode, assim, ser visto como uma declaração política de consciência racial através do qual ela redefine padrões dominantes de beleza. As ofensas, no entanto, são respostas de desaprovação a tal redefinição e revelam a ansiedade *branca* sobre perder o controle sobre a/o colonizada/o.

O negro não é mais um cativo, porém a visão que ainda perdura, torna-o um sujeito propenso a viver sob os olhares de desconfiança restritiva e vigilância institucionalizada, o que faz do seu corpo um alvo banalizado pela violência do racismo à brasileira. Isso em decorrência do pensamento colonialista de uma elite branca, que tenta se perpetuar no poder através do controle da ascensão social do negro, do seu corpo, do pensamento e da alma. Acerca dessa discussão, Silva (2020, p. 117) enfatiza que, “para os detentores do poder, a via é reforçar a escravidão moderna.” “A carne mais barata do mercado (continua a ser) a carne negra, [...] com sangue derramado, corpos e mentes pertencem a um outro” (Mbembe, 2018 *apud* Silva, 2020, p. 117).

O sistema de opressão é forte, tornando a vida em sociedade desequilibrada devido a inúmeros estereótipos e atos de desumanidade contra o negro, em que a discriminação se torna uma prática recorrente. Assim, faz-se necessário, sobretudo, uma mudança de comportamento por parte da

sociedade, na tentativa de diminuir a desigualdade e a inferiorização que associam os negros a preguiçosos, irresponsáveis e malandros.

As identidades negras em diáspora se constituem a partir das experiências social e histórica desse povo, cuja diversidade cultural decorre dos diferentes grupos e etnias, que vivenciaram a experiência de sequestro e a travessia do Atlântico para serem subjulgados ao cativo nas Américas. Além da resistência à escravatura e à exclusão da tradição da cultura ancestral, esta última agenciada pelos padrões de branquitude, exigiu-se do negro atitudes de um ser pensante e cognoscente capaz de operar mudanças em sua vida e ascender socialmente.

Isso significa a tomada de consciência negra contra a extensão da violência colonialista, ao assumir compromissos como sujeito e agente de mudanças sociais e políticas, pela assunção da cultura ancestral de matriz africana. E na narrativa, a autora expressa a tomada de consciência da personagem principal que, ao sofrer as atitudes racistas e preconceituosas na escola, entende que são reflexos das atrocidades que fizeram ao seu povo no passado, conforme consta no seguimento:

[q]uando retorna para casa pensativa com toda a falta de gentileza de seus colegas, TAYÓ projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias do sequestro dos africanos e das africanas, sua vinda à força para o Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso está bem guardadinho lá no fundo da sua alma (Oliveira, 2013, p. 22).

Tayó é o que podemos chamar de uma pessoa segura de si por saber o que quer, e ter consciência e conhecimento da história do seu povo, tanto que se torna capaz de perceber o ato racista dos colegas como falta de gentileza. Os insultos, xingamentos e preconceitos acerca do seu cabelo não são um problema creditado a ela, mas advêm da estrutura social, uma estrutura que associa o negro às características negativas ou ruins, segundo afirmação de Fanon (2008, p. 160) “o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim”. Isto é, essa visão contraditória acerca do negro não fala da imagem real do negro, trata-se de uma construção idealizada, que o desqualifica e inferioriza como ser humano. Ainda nessa discussão Fanon (2008, p. 162) argumenta: “[o] preto é, na máxima acepção do termo, uma vítima da civilização branca”. O processo de colonização caracterizado pela exploração, dominação e conflito determinou a inferiorização do ser e do

saber efetivada pela cor da pele e pelo cabelo, colocando as pessoas negras em uma posição que as impede até hoje de serem incluídas na categoria de direito e humanidade.

Desse modo, as atitudes de Tayó são resultado de uma educação pautada na liberdade, na confiança, na autonomia e no exemplo que a própria mãe é para ela. Quer dizer, a protagonista ensina que manter seu cabelo crespo e natural e enaltecê-lo é reconhecer e se orgulhar da sua identidade negra, da sua negritude, que ganha força e representatividade. Conforme Oliveira (2013, p. 30) explana no fragmento a seguir: “Assim faz Tayó: todas as manhãs ela se levanta da cama com a certeza de que é uma princesa e, como de costume, projeta em seu penteado a mais exuberante coroa de palha da costa, búzios e ouro”. Logo, meninas negras como Tayó podem se ver representadas como princesas e aprender valores, costumes e cultura, afirmando a identidade das crianças, dos jovens e da família.

Hoje, o cabelo tem se tornado um significativo instrumento de representatividade da negritude, pois, não utilizar artifícios para assumir outra identidade a partir do cabelo é uma maneira que algumas mulheres encontraram de não se calar, para assim, afirmar a luta por seus direitos, enquanto sujeito carregado de ancestralidade cultural; com isso, a mulher recusa os pré-conceitos e constrói novos conceitos de pertencimento de negritude no cenário afro-brasileiro.

Por fim, Kiusam consegue com essa obra dialogar acerca da ressignificação do valor da cultura negra no Brasil e, ao trazer o penteado, a escritora traz a marca da resistência negra. A obra em estudo permite refletir sobre igualdade e justiça social. Assim como entender os atos de racismo, preconceito e discriminação que acontecem em diferentes esferas da sociedade, destacando o espaço escolar.

4 Considerações finais

No decorrer dos anos, a população negra tem diversificado sua cultura através do processo de (re)construção das identidades negras que marcam a trajetória de experiências e lutas contra a história de violência procedente do racismo. Isso significa dizer que existe um longo e árduo caminho a ser trilhado no combate à ocorrência de inúmeros casos de preconceito racial e discriminação, que acontecem cotidianamente às pessoas negras que são agredidas verbal e fisicamente devido à cor da pele e tipo de cabelo.

Ser negro no Brasil é travar uma luta diária por respeito, reconhecimento e dignidade. Essa luta não é apenas dos negros, mas de toda sociedade brasileira em nome da dignidade da pessoa negra e em respeito à cultura, à religiosidade, às experiências e saberes da tradição negra de matriz africana.

A trajetória do negro no Brasil traz marcas históricas que condicionam a posição social, cultural e identitária até os dias atuais, porém é preciso desmontar os valores e práticas racistas, preconceitos e desrespeitos contra o negro para alcançarmos o ponto de representatividade do negro e sua dinâmica para que todos os indivíduos disponham dos mesmos direitos, independente da origem, idade, cor, sexo e condição financeira.

O mundo no black power de Tayó proporciona diálogos e reflexões acerca de temáticas como racismo, relações étnico-raciais, consciência negra e identidade, pressupondo a urgência de abordar tais temas, como essenciais aos direitos humanos. Essa obra afirma o valor da cultura afro, o amor e respeito à memória ancestral, além de ser uma narrativa sobre a vida em família da gente negra, que trata da autoconfiança, autoestima, espiritualidade e aceitação do corpo negro como projeção de identidades negras, elementos estes que corroboram para o empoderamento da criança negra. Logo, a obra contribui para que outras crianças negras se sintam representadas por Tayó com a identidade fortalecida e a autoestima elevada para enfrentar o ódio racial e os atos discriminatórios da sociedade brasileira.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Pólen, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. *Temático Saúde da População Negra*. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. (Painel de Indicadores do SUS; v. 7, n. 10). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/tematico_saude_populacao_negra_v._7.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate).

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

IANNI, O. Dialética das relações raciais. *Estudos avançados*, [s. l.], v. 18, n. 50, p. 21-30, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/78rQndTBbYLBzHMdc3ygj4w/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 3 fev. 2023.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, K. de. *O mundo no black power de Tayó*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Coleção Feminismos plurais).

SILVA, A. de M. S. e. *EscreVivência*: itinerário de vidas e de palavras. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós*: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 114-133.